



GUARDIÃ DOS SABERES PROFUNDOS: AS FLORES CONSAGRADAS À ZUMBARANDÁ NO CANDOMBLÉ NAÇÃO ANGOLA

THAÍS SALATIEL DE AZEVEDO; ANA ANGÉLICA MONTEIRO DE BARROS

RESUMO

Dentre as deidades do panteão mitológico africano que chegaram ao Brasil por meio da diáspora espiritual, estão as Iyagbás, divindades femininas que expressam o poder das mulheres. Zumbarandá é a Iyagbá anciã que tem seu ambiente associado às águas paradas dos lagos, manguezais e pântanos. Representa a expressão do poder ancestral feminino, que advém do matriarcado tribal e religioso, símbolo de sabedoria e compaixão. Os Minkisi cultuados pelos povos Bantos são considerados a própria força da natureza, pois apresentam vibrações e irradiações energéticas que podem se concentrar nas diferentes partes de uma planta, como as raízes, caules, folhas, flores e sementes, além de outros elementos que compõem a natureza. O objetivo deste trabalho é compreender, por meio de uma abordagem qualitativa, o significado simbólico do uso das flores consagradas à Zumbarandá, divindade do Candomblé Nação Angola, quando empregadas em ritualísticas. O referencial teórico se baseou na literatura especializada sobre a etnobotânica de matriz afro-brasileira, incluindo a revisão bibliográfica feita através de consultas nas bases de busca *Google Scholar* e *SciElo*. O inventário do uso ritualístico das flores de Zumbarandá foi feito através de entrevistas semi estruturadas com sacerdotes do Candomblé Nação Angola, líderes religiosos de três terreiros no Rio de Janeiro. No cotidiano dos terreiros se observa o uso das flores relacionadas à ritualística associada às Yabás de coloração lilás ou azuladas. A cor das flores é um fator importante e extremamente respeitado pelos adeptos do Candomblé ao relacioná-la a alguma divindade. Assim, as flores lilases de Zumbarandá remetem paz, aconchego e sabedoria para enfrentar os empecilhos da vida. Foram citadas 13 espécies de flores consagradas à Zumbaranda, seis citadas na literatura especializada e sete nas entrevistas. Estas flores são usadas na composição dos elementos materiais e imateriais para a sustentação energética do trabalho espiritual, emanando a energia de divindades como Zumbarandá, a guardiã dos saberes profundos.

Palavras-chave: Etnobotânica; Religiões Afro-Brasileiras; Saberes tradicionais.

1 INTRODUÇÃO

Os povos Bantos foram a primeira etnia africana trazida ao Brasil no contexto da diáspora compulsória a partir do século XVI. Grande parte dos africanos escravizados foi oriunda desse povo (PARÉS, 2010). Durante um período de cerca de quatro séculos, traficantes escravagistas aprisionaram homens, mulheres e crianças de regiões como Angola, Congo, Guiné, Moçambique e Zaire (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009; MOTTA, 2019).

Apesar de serem múltiplas as etnias escravizadas, ao chegarem às Américas foram mescladas, sendo diferenciadas de forma genérica por seus algozes como “Nações”. Esse termo não é homogêneo, pois se refere também aos portos de embarque de africanos escravizados ou áreas geográficas, não sendo necessariamente a autodenominação étnica

desses povos (PARÉS, 2018).

A diáspora ocorreu tanto de forma física, quanto espiritual, pois as divindades do panteão africano também fizeram a travessia transatlântica, juntamente com os povos escravizados. Assim, a resiliência da espiritualidade africana permitiu o surgimento de religiões afro-brasileiras como, por exemplo, o Candomblé (AZEVEDO; BARROS; MATTA, 2014).

Candomblé é uma palavra de origem banto, que significa local de reza (BARROS, 2007). Refere-se ao nome empregado para designar a religião das divindades do panteão africano, que inclui os Orixás, Minkisi (plural de Nkisi), Voduns e os Encantados (espíritos de Caboclos, espíritos infantis, dentre outros). Estas divindades são cultuadas de acordo com as Nações do Candomblé, que seguem três grandes grupos étnico-linguísticos: banto, fon e nagô, reconhecidos como diferentes nações (LOPES, 2021). Assim, o termo Nação passou a ser utilizado no Candomblé para designar um grupo característico, definido pelo culto às divindades, aspectos linguísticos, ritmos musicais e tradições específicas entre seus povos de origem (JANSA, 2010).

O Candomblé Nação Angola, também conhecido como Congo-Angola, chegou ao Brasil através dos escravizados oriundos dos antigos reinos de Angola (Ndongo), do Congo, Loango, Matamba, Kakongo, dentre outros locais, trazendo sua religiosidade e culto às suas divindades (BARROS, 2007). Quando se faz alusão ao Candomblé desta Nação, automaticamente se faz referência ao culto aos Minkisi, que são divindades supra-humanas que possuem características arquetípicas, cujos elementos representantes encontram-se na natureza (LOPES; MACEDO, 2017).

Dentre estas deidades que chegaram ao Brasil na diáspora espiritual, estão as Iyagbás, divindades femininas que expressam o poder das mulheres. Zumbarandá é a Iyagbá anciã, que tem seu ambiente associado às águas paradas dos lagos, manguezais e pântanos no Brasil (VERGER, 2018). Representa a expressão do poder feminino, que advém do matriarcado tribal e religioso. É a grande mãe que nutre seus filhos, símbolo de sabedoria e compaixão (MARTINS, 2008).

Os Minkisi cultuados pelos povos Bantos são considerados a própria força da natureza (BOTELHO, 2010). Apresentam vibrações e irradiações energéticas que podem se concentrar nas diferentes partes de uma planta. Essas vibrações nos alcançam por meio das raízes, caules, folhas, flores e sementes, além de outros elementos que compõem a natureza. Cada um é considerado um condensador perfeito das energias específicas das deidades (CASTILLO; PARÉS, 2007). Nesse contexto, as plantas ritualísticas desempenham um importante papel litúrgico, pois constituem um elemento vital para os adeptos do Candomblé e da Umbanda. São indispensáveis para a cura do corpo e do espírito.

O objetivo deste trabalho é investigar o saber popular sobre o significado simbólico do uso das flores consagradas à Zumbarandá, quando empregadas em suas ritualísticas. Tendo isto em vista, este trabalho abrange como objetivos específicos, catalogar tais espécies, citando seu uso ritualístico e seu significado simbólico, com base no conhecimento tradicional dos terreiros de Candomblés participantes da pesquisa.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo etnodirigido de natureza qualitativa, no qual a etnobotânica é o eixo central. O referencial teórico teve base na literatura especializada sobre a etnobotânica relacionada ao Candomblé. Incluiu livros e artigos científicos pesquisados nas plataformas de busca *Google Scholar* e *SciElo*. Foram utilizadas como descritores as palavras: diáspora africana, Candomblé de Nação Angola, Zumbarandá, Nanã e etnobotânica afro-brasileira.

Buscou-se conversar diretamente com os sacerdotes de Candomblé Nação Angola em

três terreiros no Rio de Janeiro: Tumba Junsara Petit, Palácio de Dandalunda e o Terreiro Tumba Junsara de Iyá Eni. Essas casas são consideradas emergentes setores culturais negros, devido as suas particularidades e predisposição direcionada a um ensinamento didático, condensado e ordenado, com base na sabedoria dos grupos bantos. Foi adotada como estratégia metodológica a pesquisa-ação, posta em prática desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, prosseguindo em uma visita prévia, reconhecimento do espaço e desenvolvimento da pesquisa (TRIPP, 2005).

Neste estudo foi utilizada a entrevista semi-estruturada, direcionada por um roteiro previamente elaborado e composto por questões abertas. As entrevistas foram guiadas de modo informal, sendo utilizado um questionário previamente elaborado e organizado em dois formulários, que continham perguntas sobre o uso ritualístico das flores e seus significados simbólicos. A partir dessa investigação, foram apontadas pelos entrevistados as flores específicas dedicadas a Zumbarandá.

Nos terreiros com mais de um sacerdote, ambos foram entrevistados, não havendo delimitação quanto ao gênero. Para o registro das respostas correspondentes aos formulários foi utilizado um gravador eletrônico, quando autorizado pelo entrevistado. Foi dada a opção no caso de não autorizarem a gravação de que as respostas poderiam ser anotadas em um caderno de campo. Os dados obtidos foram analisados por meio de estatística descritiva, na qual as espécies citadas foram organizadas em ordem alfabética apresentando-se a partir da família botânica, nome científico, nome popular e contexto de uso.

A listagem florística foi organizada segundo o The Angiosperm Phylogeny Group IV (APG, 2016). A grafia das espécies nativas e exóticas foi conferida nas plataformas disponíveis na *internet* Flora e Funga do Brasil (2023) e The World Flora Online (WFO, 2023).

Para fins de validação, o projeto ao qual está associado este trabalho foi submetido à Plataforma Brasil e conseqüentemente ao comitê de ética da UERJ. Obteve o parecer número 5.352.867, afirmando que os documentos apresentados permitem o entendimento do projeto e a realização de sua avaliação ética, estando de acordo com as Normas 466/12 e 510/16.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coloração das flores é um dos fatores mais importantes e extremamente respeitado pelos adeptos do Candomblé. Assim, as flores em tons lilases e azuis costumam ser oferecidas a Zumbarandá, pois remetem à espiritualidade fé e sabedoria, sendo também a cor da penitência e da sobriedade (HELLER, 2022).

Foram apontadas pelos entrevistados sete espécies de flores consagradas a Zumbarandá, pertencentes a sete famílias e sete gêneros. O uso ritualístico variou entre a oferta destas flores em forma de presentes, ornamental durante as ritualísticas e festividades direcionadas a Zumbarandá, banhos de purificação para os adeptos da religião e purificação do ambiente (Tabela 1).

A lavanda (*Lavandula latifolia* Medik.) (Figura 1A) é muito utilizada em banhos purificadores e como um filtro de energias do ambiente. Porém, raramente compõe as oferendas. Em contrapartida, as flores de miosótis (*Myosotis scorpioides* L.) (Figura 1B), amor-perfeito (*Viola tricolor* L.) (Figura 1C) e saudades (*Scabiosa* sp.) (Figura 1F) são frequentemente utilizadas na composição das oferendas entregues à Zumbarandá. Flores de verbena (*Verbena officinalis* L.) (Figura 1D) e sempre-viva/flor-de-palha (*Xerochrysum bracteatum* (Vent.) Tzvelev) (Figura 1E) estão presentes de forma constante na ornamentação de ritualísticas e festividades direcionadas a essa divindade.

Além das flores mencionadas durante as entrevistas, Barbosa Junior (2014) aponta ainda as de ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos) (Figura 1J), da

quaresmeiras (*Pleroma granulosum* (Desr.) D. Don) (Figura 1I), do manacá (*Brunfelsia uniflora* (Pohl) D. Don) (Figura 1H) e da salsa-da-praia (*Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br.) (Figura 1K). Também a clitoria (*Clitoria* sp.) (Figura 1L), uma espécie de Leguminosae trepadeira, que tem flores lilases. Esses são exemplos de plantas nativas da Mata Atlântica do Brasil e que foram ressignificadas no culto para Zumbarándá por apresentarem flores com a coloração lilás ou azulada.

Tabela 1 – Listagem florística das espécies de plantas dedicadas a Zumbarándá mencionadas durante as entrevistas.

FAMÍLIA (Gênero/Espécie)	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	USO RITUALÍSTICO
ASTERACEAE (1/1)	<i>Xerochrysum bracteatum</i> (Vent.) Tzvelev	Sempre-viva Flor-de-palha	Uso ornamental
BORAGINACEAE (1/1)	<i>Myosotis scorpioides</i> L.	Miosótis Não-me-esqueças	Oferendas
DIPSACACEAE (1/1)	<i>Scabiosa</i> sp.	Saudades	Oferendas
LAMIACEAE (1/1)	<i>Lavandula latifolia</i> Medik.	Lavanda	Oferendas Banhos purificatórios Purificação do ambiente
SOLANACEAE (1/1)	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Manacá-da-serra	Banhos purificatórios Ornamentação das festividades Purificação do ambiente
VERBENACEAE (1/1)	<i>Verbena officinalis</i> L.	Verbena	Ornamentação das festividades
VIOLACEAE (1/1)	<i>Viola tricolor</i> L.	Amor-perfeito	Oferendas

Fonte: A autora, 2023.





Figura 1 – Flores consagradas a Zumbarrandá no Candomblé Nação Angola.

Legenda: A) Lavanda (*Lavandula latifolia* Medik.); B) Miosótis (*Myosotis scorpioides* L.); C) Amor-Perfeito (*Viola tricolor* L.); D) Verbena (*Verbena officinalis* L.); E) Sempre-viva/Flor-de-palha (*Xerochrysum bracteatum* (Vent.) Tzvelev); F) Saudades (*Scabiosa* sp.); G) Angelim-amargoso (*Andira anthelmia* (Vell.) J.F. Macbr.); H) Manacá (*Brunfelsia uniflora* (Pohl) D. Don); I) Quaresmeira (*Pleroma granulatum* (Desr.) D. Don); J) Ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos); K) Salsa-da-praia (*Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br.); L) Clitória (*Clitoria* sp.); M) Violeta-Africana (*Saintpaulia ionantha* H. Wendl).
Fonte: Wikimedia commons- Licença Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International.

Silva (1993) menciona outras flores consagradas a Zumbarrandá. Dentre essas são citadas a violeta (*Saintpaulia ionantha* H. Wendl.) (Figura 1M) e o angelim-amargoso (*Andira anthelmia* (Vell.) JF Macbr.) (Figura 1G), que são utilizadas em liturgias específicas como os banhos ritualísticos e no abô, uma infusão preparada com ervas utilizadas para banhos e outras ritualísticas voltadas à iniciação no Candomblé.

As flores atuam como condensadores de energias, e por isso, as flores que são consagradas a Zumbarrandá transmitem a energia de paz, aconchego e sabedoria para enfrentar os empecilhos da vida. Com isso, estas flores são usadas na composição dos elementos materiais e imateriais para a sustentação energética do trabalho espiritual, emanando a força de divindades como Zumbarrandá, a guardiã dos saberes profundos.

4 CONCLUSÃO

O uso das flores mencionadas variou entre ritualísticas específicas como a composição do abô, até oferendas e banhos ritualísticos, o que demonstra a versatilidade do uso dessas espécies. Foi possível observar que a maioria das flores relacionadas a Zumbarrandá apresenta coloração em tons lilases ou arroxeados. A cor lilás no candomblé Nação Angola está relacionada à elevação espiritual e à sabedoria ancestral. Portanto, a vibração energética dessas flores transmite, além da paz e aconchego, a energia de Zumbarrandá repleta de sabedoria.

REFERÊNCIAS

APG (The Angiosperm Phylogeny Group). An update of the angiosperm phylogeny classification for the ordens and families of plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean*

Society, v. 181, p. 1-20, 2016.

AZEVEDO, V. A. M.; BARROS, A. A. M.; MATTA, R. R. O Candomblé e o uso dos recursos ambientais como forma de cultuar os Orixás. In: NODARI, E. S.; KLUG, J.; GERHARDT, M.; MORETTO, S. P. (Org.). SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES, 3., 2014, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: LABIMHA, UFSC, 2014. p. 269-280.

BARBOSA JUNIOR, A. *Saravá Nanã*. 1. ed. São Paulo: Anubis, 2014. 142 p.

BARROS, E. U. *Línguas e linguagens nos Candomblés de Nação Angola*. 2007. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BOTELHO, P. F. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. 6., 2010, Salvador. *Anais...* Salvador: FACOM- UFBA, 2010. 12 p.

CASTILLO, L. E.; PARÉS, L. N. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para uma historiografia do Candomblé Ketu. *Afro-Ásia*, n. 36, 2007. 111-151 p.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Re flora, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Olhares, 2022. 392 p.

JANSA, T. *Candomblé: as origens, desenvolvimento, transformações e o seu papel no decorrer do tempo*. 2010. 31 f. Tese - Univerzita Palackého v Olomouci Filozofická Fakulta, Olomouc, República Tcheca: [s.n.], 2010. Disponível em: <https://theses.cz/id/swyq85/Tom_Jansa_-_bakalsk_prece.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2022.

KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. *O Candomblé bem explicado*. Nações Banto, Iorubá e Fon. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 367 p.

LOPES, N. *Bantos, malês e identidade negra*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 240 p.

LOPES, N.; MACEDO, J. R. *Dicionário de história da África: séculos VII a XVI*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 66 p.

MARTINS, C. *Naná: a senhora dos primórdios*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. 188 p.

MOTTA, C. M. *O corpo que somos na experiência de cantar tradições*. 2019. 211 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, São Paulo, 2019.

PARÉS, L. N. O mundo atlântico e a constituição da hegemonia nagô no Candomblé baiano. *Revista Esboços*, v. 17, n. 23, p. 165-185, 2010.

PARÉS, L. N. *A formação do Candomblé: história e ritual da Nação Jeje na Bahia*. Campinas: UNICAMP, 2018. 424 p.

SILVA, O. J. *Ervas: raízes africanas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1993. 187 p.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, 2005. 443-466 p.

VERGER, P. F. *Orixás*. Deuses iorubás na África e no novo mundo. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018. 296 p.

WFO (The World Flora Online). World Flora Online. Disponível em: <<http://www.worldfloraonline.org>>. Acesso em: 22 mar. 2023.